

Teatro das satélites ganha espaço no Plano

O Distrito Federal espelha, em seu pequeno universo, uma realidade que pode ser observada em todo o País: além do eixo Rio-São Paulo, quais os centros que recebem informações sobre o desenvolvimento da produção artística nos demais Estados da Federação? Aqui a situação não é diferente: há pobreza no circuito de informações, causando falta de comunicação e ausência de contato entre os movimentos artísticos do Plano Piloto e das Cidades-Satélites. Pouquíssimas vezes, grupos das satélites conseguem romper o bloqueio burocrático existente para a cessão de salas de espetáculos do Plano Piloto para poder mostrar suas produções. Questionável também o caráter paternalista das iniciativas estatais que procuram "formar público" através de projetos que levam as produções do Plano às diversas satélites. Agora, este quadro pode mudar de figura. Está acontecendo a I Mostra Regional de Teatro Amador do Distrito Federal, que tem como objetivo apresentar uma visão ampla do desenvolvimento das artes cênicas em cada satélite e no Plano Piloto.

A I Mostra de Teatro Amador está reunindo 16 grupos de atuação distinta, mostrando e debatendo seus trabalhos no Teatro Aluísio Batata (Centro de Convenções), no Auditório do Colégio do Gama, no Teatro da Praça (Taguatinga) e no Centro Educacional nº 3 (Ceilândia). E, apesar de não possuir um caráter seletivo, a Mostra escolherá um espetáculo de cada local para participar do IV Festival de Teatro Amador do Distrito Federal, que acontecerá de 23 a 31 deste corrente mês. Durante este Festival, será selecionada uma produção para representar Brasília no III Festival Brasileiro de Teatro Amador, que terá lugar em Ouropreto, de 19 de julho a 3 de agosto próximos.

A I Mostra é resultado de intenso trabalho da Fetadif — Federação de Teatro Amador do Distrito Federal —, que está promovendo o evento. Desde novembro do ano passado, com a proposta de descentralizar as informações, ela decidiu realizar uma mostra com focos nos diversos centros do DF. O primeiro passo foi a escolha dos Diretores Regionais do Gama, de Taguatinga e da Ceilândia, que participam da diretoria da Federação. Eleitos através de Encontros Regionais, eles possuem voz para representar a comunidade nas discussões sobre a produção teatral local.

A diferença da I Mostra com relação aos demais festivais promovidos pelo Governo é que ela não pretende apresentar o melhor da produção teatral e sim um pouco de tudo o que vem sendo desenvolvido em cada centro, como explica o presidente da Fetadif, Carlos Augusto (Cacá): "Queremos debater a produção teatral através de universos variados. Avançar, ver as deficiências e fazer os acertos. Achamos que esta oportunidade pode servir para arrecadar elementos de crítica para o trabalho dos grupos".

Muita coisa mudou desde que a Federação se jogou na criação de oportunidades para o debate sobre as artes cênicas do Distrito Federal. Há dois anos, quando ainda não tinha sido rearticulada (a Fetadif foi criada em 75 e, quatro anos mais tarde, abandonada em função da regulamentação da profissão teatral: todos queriam deixar de ser amadores e passar a profissionais), os grupos de uma satélite não conheciam os trabalhos de outra, não tinham

informação, não assistiam aos espetáculos. Somente Taguatinga, pela realização das Semanas de Arte, se lançava numa luta quixotesca. Apesar do grande esforço da Federação, a precariedade do circuito de informações melhorou pouca coisa. Mas aconteceram mudanças significativas, segundo esclarece Carlos Augusto: "Uma das maiores contribuições da Fetadif foi ter conseguido, ao menos, colocar em contato todos estes grupos. Assim a gente pode ver, no Gama, um movimento de articulação para o surgimento de uma Associação de Arte; na Ceilândia, uma enorme quantidade de artistas que começam a ter consciência da importância de uma linguagem própria para cada grupo; em Brazlândia, dois grupos que começam a discutir uma atuação junto à Federação e a realização futura da II Semana de Arte de Brazlândia; em Sobradinho, as informações come-

sado, o Governo não liberou recursos para a Fundação Cultural do Distrito Federal apoiar as iniciativas de grupos locais. No entanto, este ano, vários projetos já encaminhados foram deixados de lado em função de projetos do Estado como a peça comemorativa ao dia 21 de Abril. São projetos que consomem fábulas de dinheiro e que não contribuem em nada para melhorar a produção local: surgem apenas como agitação política, para dar publicidade ao Governo. São apenas propostas distorcidas enquanto valorização do trabalho artístico".

Desde sua reativação, há dois anos, a Federação de Teatro Amador do Distrito Federal tem lutado contra um inimigo forte: a desinformação. Seus representantes se queixam da própria Fundação Cultural que não se preocupa em repassar as informações. E apresentam um exemplo: até há dois anos, os grupos das satélites não sabiam da existência do Inacen e nem que deveriam pedir liberação dos espetáculos junto à censura. "As entidades do Distrito Federal que têm como contribuir para o amadurecimento dos trabalhos são vistas como pessoas isoladas e não como representantes de uma categoria. E não conseguem se manter. Uma forma de o Estado fortalecer as entidades é apoando projetos, levando as pessoas a participarem mais, a discutirem mais e a terem maior consciência de seu trabalho", afirma Carlos Augusto.



Carlos Augusto e Paulo César: lutando por melhores condições

cam a se reproduzir até mesmo para a criação do I Encontro de Teatro Amador de Sobradinho; e no Guará, um movimento cultural que há dois anos vem sendo puxado pelo Grupo Comunidade que realiza seminários e debates sobre a atuação cultural da Administração Regional."

Só que, mesmo com esse quadro positivo, o iluminador Paulo César (PP), diretor regional de Taguatinga, detona: "A produção teatral de Brasília é muito pequena. Em toda mostra acontece a mesma coisa: poucos trabalhos com baixo nível técnico e de pouca qualidade. Além disso, são poucos os grupos que tendo conseguido sucesso junto ao público se interessam em participar. Assim, a mostra serve mesmo como oportunidade de aprendizado para aqueles que estão começando".

A palavra amador, para muita gente, é sinônimo de baixa qualidade. Carlos Augusto tenta esclarecer, de uma vez por todas, o que caracteriza uma produção amadora: "Procuro diferenciar o teatro amador do profissional através dos aspectos econômicos e ideológicos. O primeiro é que o amador é aquele em que os membros não recebem dinheiro por seu trabalho." Paulo César complementa: "A peça é inimiga da refeição". Cacá continua: "O lado ideológico do amador está no debate que existe para a realização de cada montagem, uma discussão coletiva onde são tomadas todas as resoluções".

Segundo o presidente da Fetadif, as diferenças não incluem competência ou qualidade. Então, por que o teatro amador sempre sofre, no País, pela falta de apoio estatal? "Há muito desrepeito na relação do Estado com os artistas. No ano pas-

Outro grande problema que o teatro amador enfrenta nas satélites — também ligado à falta de apoio oficial — é o relacionamento com a direção dos complexos escolares. Todo centro educacional nas cidades-satélites possui um auditório que poderia ser utilizado para ensaios e apresentações. No entanto, não é exatamente isto o que acontece: "Os grupos são vistos pelos diretores como estranhos, não podem sequer ensaiar nos complexos escolares. Para isso, o grupo tem que ter alunos da escola. Essa atitude deve ser em função do histórico dos grupos de teatro, que são marcados pelo questionamento dos valores morais estabelecidos e pelo xeque que colocam à dominação. Isto amedronta a direção da escola", conta o presidente da Federação.

Apesar de tudo isso, os amadores ficam pé e vão à luta nessa primeira Mostra, que vem até como preparação para o IV Festival de Teatro Amador do Distrito Federal. A programação inclui apresentações em diversas satélites e no Plano Piloto, conforme o seguinte calendário: Gama, no auditório do Colégio do Gama, sábado, às 20 horas. O Soldadinho Inglês, com o grupo Shuraiana, e domingo, também às 20 horas. Nada a Dizer, a Fazer, Tudo Tudo..., com o grupo Por Dentro do Lance; Ceilândia: Hoje, Kapital com K, com o Olhos Corpos em Riso; amanhã, no CED nº 7, Vontade (Geração do Medo) ou Mentira de Elástico, com o grupo Favela; e sábado, Lou'Kabareth, com o grupo Atos e Athos; Guará: no Teatro Aluísio Batata, às 20 horas, hoje, Viva o Rei João, com o grupo Espelho e sábado, O Casamento do Gay, com o grupo Coesão; Núcleo Bandeirante: Também no Aluísio Batata, hoje, às 20 horas, Arena Conta Zumbi, com o Grupo Cultural Degraus, e, amanhã, Judas em Sábado de Aleluia, com o Heterocenas. Domingo, às 20 horas, o grupo Decore se Quiser apresenta Brincando de Cor, sob direção Angela Regina Chaves.